

APRESENTAÇÃO

O número 3 da **Revista Filosofando, Revista eletrônica de Filosofia da UESB** reúne artigos que problematizam a questão do fazer filosófico no interior da crise em que a filosofia vivencia, assim como no esforço intelectual de manter-se com a tarefa de problematizar a realidade, o sentido, a existência na perspectiva aristotélica e platônica do espanto, a admiração e a busca incessante pela transformação de si e da realidade do mundo. E não, simplesmente, se contentar com a representação de si e do mundo mediante conceitos que engessam, petrificam e facilitam transformar o fundo sem fundo da filosofia em teorias. Teorias que são facilmente transformadas em ideologias, esquecendo-se, contudo, que a existência é potência do pensamento e não cemitério de conceitos. Nesse sentido, Nietzsche esclarece:

O Si-mesmo sempre escuta e procura: compara, submete, conquista, destrói. Domina e é também o dominador do Eu. Por trás dos teus pensamentos e sentimentos, irmão, há um poderoso soberano, um sábio desconhecido – ele se chama Si-mesmo. Em teu corpo habita ele, teu corpo é ele. Há mais razão em teu corpo do que em tua melhor sabedoria. E quem sabe por que teu corpo necessita de tua melhor sabedoria? Teu Si-mesmo ri de teu Eu e de seus saltos orgulhosos. “Que são para mim esses saltos e voos do pensamento?”, diz para si. “Um rodeio até minha meta. Eu sou a andadeira do Eu e o soprador dos seus conceitos. (NIETZSCHE, 2011, p. 35).

Os artigos, que integram o número 3 da Revista Filosofando, são plurais e abordam da ideologia industrial à sede da especulação mística; da pedagogia e qual pedagogia faz relação com a filosofia da ideologia, comprometida em adestrar e ajustar socialmente; do cinema e da música como lugar da arte e também como mecanismos ideológicos que sustentam a ideologia dominante, como Adorno, Horkheimer e Benjamin criticam insistentemente, pois, de um lado, eles se constituem como arte e alimento para o artista e para o ouvinte/leitor e por outro, “a técnica reprodutiva desliga o reproduzido do campo da tradição. Ao multiplicar a reprodução, ela substitui sua existência única por uma existência massiva. E, na medida em que ela permite à reprodução ir ao encontro do espectador em sua situação particular, atualiza o reproduzido” (BENJAMIN, 2013, p.55).

Podemos utilizar a crítica de Benjamin à indústria cultural para o ensino de Filosofia, que muitas vezes em sua pretensão científica, acaba por perpetrar que a existência única e singular do discente seja sufocada numa reprodução de leituras de clássicos, que ficam restritos à leitura e não à sua problematização e contextualização. Permitindo assim que a filosofia continue como exercício do pensar e não como uma história da filosofia revisitada por especialistas neste ou naquele pensador. No entanto, é preciso estar atento, pois a padronização e a uniformização do pensar são dois aspectos que culminam no mesmo campo: o fascismo. Ou como tencionam Hannah Arendt e Paul Ricoeur, no mal radical, pois o

verdadeiro mal, o mal do mal, se mostra com as falsas sínteses, isto é, com as falsificações contemporâneas das grandes empresas de totalização da experiência cultural, nas instituições políticas e eclesiásticas. É, então, que o mal mostra o seu verdadeiro rosto, o mal do mal sendo a mentira das sínteses prematuras, das totalizações violentas (RICOUER, 1976, p. 164).

A **Revista Filosofando** constitui um esforço do corpo editorial em manter a filosofia em suas andanças e em seus partos, parafraseando Nietzsche, por isso, o que parece ser uma colcha de retalhos com artigos que caminham em várias direções, é, do nosso ponto de vista, filosófico em seu *stricto sensu*, porque o que seria da filosofia sem a não filosofia? O que seria a filosofia sem dialogar com a arte, com a ciência, com a poesia, com a literatura, com a psicologia, com a pedagogia, sem contudo se reduzir ou se identificar com cada uma delas? O que seria da filosofia se ela se mantivesse no reino da identidade e não aceitasse a alteridade como o deslocamento necessário para o seu próprio amadurecer? Não é o diverso o alimento da filosofia? Ou são as identidades, os conceitos enquanto representação do real e transformados em ideologias?

É por isso, que estamos apresentando com entusiasmo ao leitor o número 3 da **Revista Filosofando**, onde Klédson Tiago Alves de Souza e José Teixeira Neto no artigo intitulado **Filosofia e diálogo: o *De visione dei* e o diálogo entre a criatura e o criador** apresentam a partir da obra ***De visione dei*** Nicolau de Cusa uma possibilidade de entender a especulação mística numa perspectiva aprofundada sobre aspectos que implicam a natureza dialógica da humanidade. Como é que o ser humano poderia através do olhar do quadro especular acerca do olhar de Deus? Usando o ícone Deus, em que o olhar do mesmo se faz comparável ao olhar de Deus. Ora, o olhar substitui a palavra naquilo

que é profundo, o fundo sem fundo, o paradoxo, aquilo que o conceito não consegue, por suas próprias limitações alcançar? É justamente a partir do olhar de um ícone que Nicolau de Cusa especulará sobre o verdadeiro olhar de Deus.¹ O quadro que representa o olhar de Deus está parado, porém, acompanha a todos e a cada um, no olhar é possível haver um diálogo entre aquele que olha para o que é olhado. Dessa forma, os autores problematizam se os conceitos do **De visione dei** justificaria falar de uma “filosofia do diálogo” em Nicolau de Cusa, sendo necessário confrontar essa dimensão mais teórica da “filosofia do diálogo” com a sua dimensão prática. Os autores indicam, também como necessária a leitura do **De pace fidei**, escrito no mesmo ano do **De visione dei**, já que esse texto aponta o diálogo como horizonte para a superação das guerras e para a consecução da “paz perpétua” entre os povos.

Do olhar místico ao olhar cinematográfico, do olhar contemplativo ao olhar estético. Estamos no interior da Filosofia ao olhar também na leitura do artigo **Travelling é uma questão moral: a filosofia do cinema**, desenvolvido por Yves Marcel de Oliveira São Paulo. Segundo o autor, a discussão acerca da moral no cinema vai muito além do simples questionamento da trama de um filme. A forma do filme também pode estar suscetível a este debate. A conscientização de que a forma do filme também interfere no modo de ver o seu conteúdo, dita a construção deste texto. Partamos, assim, do princípio deste questionamento com a sentença: “*travelling* é uma questão moral”. Desta moral encontrada num movimento de câmera discutimos a representação encontrada em dois filmes sempre lembrados quando desta discussão: *Noite e neblina* e *Kapò*. *Travelling* é este movimento, que por vezes pode ser envolto em uma aura de complexidade. Ele é um movimento do qual muito gostam os cineastas de um cinema *pop* devido à agilidade que ele emprega ao filme. A câmera corre pelos cenários, pelas ruas, entre os carros em alta velocidade, conferindo ao filme um quê de frenético. É também um movimento invasor. Quando a câmera é movida em direção a um rosto ela dissecar muito mais do que a expressão facial do ator: ela apresenta toda a complexidade do sentimento que o personagem está a sentir.

¹ Em *A Douta Ignorância* Nicolau já tratara sobre a relação de infinito para finito, afirmando que no finito tudo está no âmbito da proporção, do número e “o infinito como infinito, porque escapa a qualquer proporção, é desconhecido” (*A Douta Ignorância*, 2008, Cap. I, 3, p. 4). Assim, como não existe proporção entre o finito e infinito, o conhecimento do infinito será apenas possível por meio de símbolos. No *De visione dei*, o símbolo escolhido é um quadro, uma obra humana.

Quando ela corre em direção a um pai atordoado com o roubo de sua bicicleta, que confunde um garoto com o ladrão, este movimento traduz a humilhação daquele homem frente à multidão que grita o seu equívoco (*Ladrões de bicicleta*). Quando em câmera lenta, ele pode exprimir o desejo de um homem por uma mulher (*Touro indomável*). Em outros casos, ao passear por corredores de um hotel de luxo, ele está a nos apresentar a intrincada rede de lembranças da mente humana (*Ano passado em Marienbad*). E por estes e tantos outros motivos ele, por vezes, pode ser considerado como sendo a síntese do espetáculo cinematográfico.

A vontade de sobrevivência segundo Nietzsche: Condição necessária para a racionalidade e o autoconhecimento do homem é o título do artigo de Anildo de Souza Silva, que discute a vontade de potência como vontade de sobrevivência, como condição de racionalidade e autoconhecimento do homem numa tentativa genealógica que percorre a história da tradição filosófica ocidental – desde o seu começo clássico, perpassando a era medieval da denominada “filosofia cristã” e finalmente nas épocas moderna e contemporânea – a reflexão filosófica, salvo algumas raríssimas exceções, sempre se pautou na determinante importância da racionalidade como princípio primeiro e último de explicação da existência como um todo. Desse modo, segundo a referida tradição, a razão, incessantemente, se apresenta como sendo o critério explicativo do mundo, da vida e do homem. Em palavras diversas, a filosofia ocidental engendrou um paradigma interpretativo para a totalidade existencial e esse referido parâmetro de medida constitui-se precisamente na racionalidade humana; logo, todo e qualquer elemento distinto da razão deve ser desdenhado enquanto subsídio de explicação da vida. Em uma senda semelhante, apresenta-se, de um modo inovador e desafiador, a perspectiva nietzschiana, pois, segundo a mesma, a razão deve adquirir outra valoração. A racionalidade, a partir de Nietzsche, é compreendida não como aquilo que é o mais precípuo no humano, mas sim como uma espécie de artefato tardio de algo ainda mais primitivo, mais originário, a saber: a vontade de sobrevivência. Nessa ótica hermenêutica, Nietzsche vislumbrará alguns aspectos anteriores à racionalidade e que foram determinantes para a formação do humano. Assim, a vontade de poder ser (ou “vontade de potência”) será entendida como uma força imanente² que entremeia e edita tudo o que existe.

² Nesse sentido, a interpretação à noção nietzschiana de vontade de poder – aqui proposta – arriscadamente dista, em certa medida, da célebre e minuciosa hermenêutica empreendida por

Os autores Hugo Márcio Vieira de Almeida Andrade e Célia Cássia Almeida Vieira do artigo **A verificação dos conceitos de classe em si e classe para si às vésperas da copa do mundo de 2014**, novamente estabelecem uma tentativa de retirar a filosofia dos conceitos e do mundo das abstrações representativas para o campo da realidade, da corrupção e das contradições tão profundas que negam qualquer discurso ético. Ao analisar o evento e o fenômeno Copa do Mundo realizado no Brasil em 2014, como um dos maiores eventos esportivos do mundo. Entretanto, mesmo com os aparentes pontos positivos da Copa do Mundo, parte da população decidiu sair às ruas em manifestações, se posicionando contra o evento. O artigo apresenta os resultados da pesquisa que teve como objetivo identificar uma possível conscientização política da população e verificar se essa condição subjetiva enquadra-se com o conceito de classe em si e classe para si postulado por Karl Marx. Foram aplicados questionários aos alunos do curso de Ciências Econômicas da UESB, do 1º ao 7º semestre, no período de maio do ano de 2014, às vésperas do evento.

Esse artigo é importante e a pesquisa apresentada também, porque é uma pequena amostragem do grau de consciência ou não e de que consciência se está abordando e constatando em um espaço que deveria privilegiar fundamentalmente, muito mais do que informações técnicas, o saber e a consciência como construção de caráter e de cidadania, para que os saberes específicos possam contribuir para a famosa pretensão da Filosofia em atingir o bem comum ou a dignidade humana ou ainda a justiça social. Parece que é muito fácil associar ao jogo de poder e se deixar seduzir pelo imaginário do próprio ego, ao constatar, que na universidade a teoria é o real reproduzido e interpretado no plano ideal. Para Marx o objeto de pesquisa, não depende do sujeito, ou seja, do pesquisador, para existir. O objetivo do pesquisador é ir além da aparência fenomênica, imediata e empírica, por onde se inicia o conhecimento, sendo um passo importante e não devendo dele se descartar, no entanto, há o dever de aprender a essência, ou seja, estrutura e dinâmica do objeto. Dessa forma,

Martin Heidegger em sua obra **Nietzsche** (1961), na qual o pensamento nietzschiano é contemplado como sendo a última das reflexões metafísicas da tradição filosófica, pois – segundo Heidegger – Nietzsche questionara a verdade, mas não o valor da verdade; bem como a arte funcionaria no pensamento nietzschiano como uma espécie de portal de acesso à verdade. (Cf. HEIDEGGER. **Nietzsche**. Vol. 1, 2010, p. 5 – 195). Assim sendo, a vontade de poder nietzschiana será entendida, na ótica de Heidegger, como um conceito metafísico, logo não imanente; o inverso da perspectiva aqui aventada.

concebendo a essência do objeto, por meio de procedimentos analíticos e operando sua síntese, mediante a pesquisa viabilizada pelo método, o pesquisador retrata no plano ideal a essência do objeto investigado.

Já Fabio Goulart do artigo **Crítica à indústria cultural** tem como objetivo analisar e reconstruir a crítica feita pelos filósofos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer à indústria cultural. Na primeira parte são expostos alguns pressupostos teóricos que influenciaram a referida crítica, onde são apresentados conceitos oriundos de Herbet Marcuse e Walter Benjamin. Marcuse teria demonstrado que o construto estético nos três séculos de domínio burguês tornou-se um forte elemento de afirmação ideológica e Benjamin teria sido o primeiro a fazer a distinção entre arte autônoma e arte leve. Na segunda parte são analisadas as sete partes do capítulo *Indústria cultural – O esclarecimento como mistificação das massas* do livro *Dialética do Esclarecimento* escrito por Adorno e Horkheimer na década de 1940.

Com base no pensamento de Marx, Adorno escreve que da mercadoria cultural industrializada surgia uma nova forma de fetiche no qual o valor não estaria associado às relações de produção ocultas, muito menos ao primitivo valor de uso, o valor do produto cultural viria justamente da suposta ausência de valor de uso. Assim sendo, só consome estes produtos quem tem tempo e dinheiro para entreter-se num mundo onde o trabalho e a produção abundante tornaram-se a regra. Desfrutar da música, seja clássica ou não, tornou-se fetiche neste sentido. Fruto da parceria entre Theodor Adorno e Max Horkheimer o capítulo *Indústria cultural – O esclarecimento como mistificação das massas*, do livro *Dialética do Esclarecimento*, muito mais que apresentar o conceito de indústria cultural, foi elaborado para tecer uma forte crítica ao então novo modelo de produção cultural. Ao nos depararmos com o termo “indústria cultural”, ao contrário do conceito de “cultura de massa” que nos proporciona o ledó engano de pensarmos uma cultura feita pela massa, temos instantaneamente a noção de que trata-se de uma cultura feita de forma industrial para o consumo massivo.

No artigo **A forma contra a norma: sobre o ensaio em Theodor Adorno**, Mariana Andrade Santos apresenta que os filósofos contemporâneos reivindicaram para a filosofia a atividade essencial da reflexão autocrítica. Dentre esses filósofos, destaca-se Theodor Adorno, grande expoente da Escola de Frankfurt. A autora argumenta que ele defendia que a filosofia devia pensar sobre

sua própria forma de exposição e vê no *ensaio* certas particularidades que tem relações emergentes com a própria filosofia. Logo, a autora tenta relacionar filosofia e literatura e mostra como Adorno propõe a reflexão entre a atividade filosófica e o *ensaio*. Dentro desse intento, o filósofo da Escola de Frankfurt também critica uma concepção dogmática no que diz respeito às formas de apresentação da filosofia, crítica essa discutida pela autora do artigo.

Alexandre de Jesus Santos, autor de **Reflexões sobre dialética e luta de classes: uma leitura da música “a novidade” de Gilberto Gil**, oferece uma abordagem da música e suas teias ideológicas, que podem ser direcionadas a outros ramos da arte e também a outras áreas e saberes. Segundo o autor, há muito tempo a arte de forma geral vem sendo utilizada como instrumento de divulgação e propagação de ideias. A música, de forma específica, tem tido um papel preponderante na condição de instrumento de difusão ideológica, sobretudo nos tempos modernos com o advento dos meios de comunicação de massa. Neste artigo, o autor se propõe a analisar as categorias marxistas contido no cerne da música “A novidade”, cuja letra foi escrita pelo cantor e compositor de renome internacional Gilberto Gil. Envereda-se pelo debate que perpassa a temática das classes sociais ali representadas e da dialética enquanto método de apreensão da realidade dos conflitos sociais inerentes à sociedade capitalista. Busca elucidar as diferenças elementares da perspectiva hegeliana e marxiana da dialética, das classes sociais e do Estado, avaliando suas implicações na captação da realidade, a partir de um diálogo necessário entre filosofia e arte na tentativa de compreender a música como uma importante ferramenta frequentemente utilizada pelos grupos sociais para promover debates de natureza teórica e revelar posicionamentos políticos diversos.

Para Marx e Engels, no entanto, que retomaram a estrutura da dialética hegeliana, a principal falha de Hegel foi conceber a dialética como um movimento da razão, sendo que a contradição se dava somente no campo das ideias, não alcançando, assim, a realidade ou a história, vivendo eternamente como uma abstração. Em Marx e Engels essa concepção/contradição ganha uma dimensão materialista, realizando-se não na ideia, mas nas relações sócio-históricas. Portanto, apesar de não negar que as mudanças históricas são resultantes das contradições e dos conflitos, afirma que esses conflitos se dão primeiro na vida real dos indivíduos, nos conflitos econômicos, sociais e políticos reais, que modificam a

própria razão ou consciência histórica, e esta ideia será magistralmente expressa na música objeto.

Em **Educação ambiental na escola: prática docente no ensino fundamental II numa escola pública de Itororó (BA)**, Sânzio Danilo de Oliveira Santos e Andrêssa Silva Rodrigues arguem que educação ambiental não pode ser resumida apenas às questões de desmatamentos e preservação dos rios, por exemplo, mas que se trata também de relações éticas e entre os seres humanos. Para isso, os autores sondam, através de uma pesquisa qualitativa e por meio das abordagens empíricas e bibliográficas, a prática docente de uma escola pública em Itororó (BA). Os autores defendem que esse tema pode ser altamente privilegiado no que concerne à produção de conhecimento nas mais diversas áreas e até mesmo na formação das pessoas, uma vez que interessa as pessoas em geral. Assim, neste artigo, os autores discutem a questão ambiental e a *práxis* docente se norteando pela questão “de que forma é trabalhada a consciência ambiental por docentes no ensino fundamental II?”.

A autora Rosilene de Jesus Alves Thomas argumenta, no seu artigo **Atuação do pedagogo no ambiente hospitalar – relatos de uma experiência**, que a pós-modernidade evoca uma ampla coletividade pedagógica, que pode ser crucial para abrir outros horizontes do exercício pedagógico. Nesse contexto, a autora mostra que um desses horizontes é a Pedagogia Hospitalar, isto é, as crianças nos hospitais necessitam também de atendimento hospitalar e para tal intuito, os pedagogos devem estar preparados para essa demanda. Assim, Thomas defende que o exercer pedagógico está para além dos ambientes formais, isto é, da escola.

Por fim, Adriano Moreira de Oliveira e José Marcos Menezes Santos apresentam uma resenha da obra de José Ernesto Favari, intitulada **Álvaro Vieira Pinto - Contribuições à educação libertadora de Paulo Freire**. 1ª edição. São Paulo: LiberArs, 2014. Esta resenha oferece ao leitor um panorama da relação existente entre Vieira Pinto e Paulo Freire a partir de suas sintonias e de suas diferenças. Esta obra foi prefaciada por Dermeval Saviani que consegue realizar uma síntese e um avanço em relação à produção de Paulo Freire. Segundo os autores, na resenha apresentada, embora a Filosofia e a Educação tenham começado como um processo intrínseco e, em muitas ocasiões tomados como sinônimos, na modernidade houve uma ruptura muito grande entre essas duas

áreas. A Educação se encarregou de ensinar técnicas e conhecimentos, já a Filosofia refugiou-se em portos seguros e em torres de marfim da abstração e das teorias desconectadas da realidade. Uma das questões centrais do pensamento de Vieira Pinto é: “como superar a consciência ingênua do pesquisador e a alienação dos processos de pesquisa científica? (FAVERI, 2014, p. 143). Nesse sentido, o saber (*sophrosyne*) foi reduzido ao conhecimento (*episteme*) enquanto domínio das técnicas e das ciências.

E assim, a apresentação está iniciada. Ela não será concluída, pois essa é uma tarefa que cabe ao leitor e aos textos contidos no número 3 da **Revista Filosofando**. É importante salientar que tanto a responsabilidade quanto à originalidade dos artigos é de inteira responsabilidade do autor e/ou dos autores. Mas, que tenhamos mais artigos e mais problematizações como as que constam neste número em variedade, em qualidade, em indignação. Tenha certeza, caro leitor, especialmente se for de graduação de qualquer Instituição pública ou privada do Brasil e da América Latina, que esta Revista foi criada especialmente para você, pois sabemos das exigências das agências de fomento e da cobrança de *qualis* para a publicação de artigos, por outro lado, temos consciência de que sem a publicação de artigos, quem pretende ingressar em mestrado e em doutorado tem a vida dificultada, porque a CAPES exige *currículum lattes*, os Programas de Pós-Graduação exigem *lattes* com publicação, mas as revistas têm dificuldade em publicar trabalhos de discentes de graduação. Muitos editores, alegam que falta maturidade acadêmica, o que de fato é verdade, mas neste espaço da **Revista Filosofando** a maturidade acadêmica vai sendo construída na própria concepção da Revista como espaço de tematização e de experientiação do fazer-fazendo. Essa **Revista foi pensada e concebida, especialmente para você.**

Boa leitura!

JORGE MIRANDA DE ALMEIDA

REFERÊNCIAS:

BENJAMIN, Valter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre. RS: L&PM, 2013.

FREIRE-MAIA, Newton. A ciência e o meio social. In: _____. *A ciência por dentro*. Petrópolis: Vozes, 1991.

NIETZSCHE, Friderich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RICOUER, Paul. *O mal*. Um desafio à filosofia e à teologia. São Paulo: Papyrus, 1988.

